

## COLOCANDO A MÃO NA MASSA: DISCUTINDO A TRADUÇÃO DE UM DICIONÁRIO SEMIBILÍNGUE

## GETTING THE HANDS DIRTY: DISCUSSING THE TRANSLATION OF A SEMI-BILINGUAL DICTIONARY

---

Tháís Collet\*

Ina Emmel\*\*

**Resumo:** Este artigo é resultado do trabalho desenvolvido no âmbito do estágio docência de uma das autoras em uma disciplina optativa da graduação do Curso de Letras Alemão da Universidade Federal de Santa Catarina em cujo currículo é dado enfoque significativo para a área de tradução. Durante a disciplina, ministrada no segundo semestre de 2012, foi discutido um projeto de tradução de um dicionário semibilíngue e, conseqüentemente, as peculiaridades de tal tarefa e os percalços dos profissionais da área. Os alunos também foram introduzidos, ao campo da Lexicografia e Metalexigrafia. O objetivo de relatar as atividades desenvolvidas é voltar a discutir a importância de disciplinas de Lexicografia na graduação e mostrar que isso é possível.

**Palavras-chaves:** Lexicografia; Metalexigrafia; Dicionário semibilíngue.

**Abstract:** This paper is the result of the work carried out under one of the authors' teaching internship, in an optative course with the students of the German Language and Literature Program at the Universidade Federal de Santa Catarina in which curriculum the area of translation receives significant attention. During the course, taught during the second semester of 2012, the translation of a semi-bilingual dictionary was discussed, therefore the peculiarities of this task and the difficulties of the professionals from this area. Students were also introduced to the field of Lexicography and Metalexigraphy. The goal of reporting the activities applied is to go back to the discussion of the importance of Lexicography courses in the undergraduate programs and show that it is possible.

**Keywords:** Lexicography; Metalexigraphy; Semi-bilingual dictionary.

### Introdução

Neste artigo é relatado o trabalho desenvolvido com os alunos da graduação do curso de Letras Alemão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no âmbito do estágio docência de uma das autoras, em uma disciplina optativa na qual se discutiu um projeto de

---

\* Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista REUNI. E-mail: [thais\\_collet@hotmail.com](mailto:thais_collet@hotmail.com)

\*\* Professora de Alemão do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC. E-mail: [inaemmel@gmail.com](mailto:inaemmel@gmail.com)

tradução de um dicionário semibílingue. O currículo do curso de Letras da UFSC contempla três disciplinas de Estudos da Tradução que são obrigatórias<sup>1</sup> e os alunos podem cursar ainda disciplinas optativas na área<sup>2</sup>. No entanto, não há disciplinas de Lexicografia e ou Metalexigrafia previstas no currículo. O objetivo ao relatar essas atividades é voltar a discutir a importância de disciplinas de Lexicografia na graduação e sugerir como isso pode ser implementado.

Para situar o leitor, descreve-se rapidamente o projeto de tradução do dicionário e, em seguida, são arroladas e discutidas as atividades realizadas durante a disciplina.

## 1. O projeto de tradução do dicionário

Professores do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (DLLE/UFSC) foram convidados para realizar um projeto de tradução de um dicionário. O professor Werner Heidermann, ficou responsável pela tradução na direção português-alemão, e os professores Ina Emmel, Mariana Almeida de Campos e Gabriel S. Teixeira, responsáveis pelas traduções na direção alemão-português. Esta equipe contou ainda com Thaís Collet, Luciana Graziuso e Muriel Assumpção, pós-graduandas da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, que atuaram na revisão do português.

O dicionário semibílingue bidirecional alemão-português brasileiro (PB), consta de 32.000 verbetes e 106.000 traduções. Cada verbete apresenta a definição na língua da entrada, transcrição fonética e informações gramaticais, com no mínimo um e no máximo três contextos pragmáticos, bem como expressões idiomáticas quando a entrada fazia parte da mesma, e com as traduções da entrada e dos exemplos.

O produto final será um dicionário editado em Israel e comercializado no Brasil e Alemanha, que contará com uma versão convencional (impresso em papel) e outra online. O público-alvo deste dicionário é o estudante/aprendiz de alemão ou português brasileiro.

## 2. A disciplina

Com o desenvolvimento do projeto, surgiu a ideia de oferecer uma disciplina optativa na área da Lexicografia e Metalexigrafia que discutisse, entre outras coisas, o projeto de

---

<sup>1</sup> As disciplinas “Introdução aos Estudos da Tradução”, “Estudos da Tradução I” e “Estudos da Tradução II” são obrigatórias e somam 144 horas.

<sup>2</sup> São exigidas 180 horas, na habilitação em Licenciatura ou 360 horas, na habilitação bacharelado, em disciplinas optativas, que, pela oferta, podem ser facilmente cumpridas com disciplinas da área da Tradução, sendo esta a opção do aluno. O currículo do Curso de Letras Alemão está disponível em: <<http://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=421>>. Acesso em 15 abril 2013.

tradução do dicionário. Assim, no segundo semestre de 2012, a disciplina LLE 7199 – Tópico Especial em Tradução do/para o Alemão I, de 72 créditos (4 horas semanais), foi ofertada aos alunos do curso de Letras-Alemão, com nível avançado da língua estrangeira. A disciplina foi dividida em duas partes, em uma se discutiu, entre outros conteúdos da área da Lexicografia e Metalexigrafia, as traduções do português para o alemão, ministrada pelo tradutor desta parte do projeto, o professor Werner Heidemann; e, na outra, as traduções do alemão para o português. Esta parte, na qual se centra este artigo, foi ministrada por uma das tradutoras, a professora Ina Emmel, e por uma das revisoras - Thaís Collet -, como parte de seu estágio docência obrigatório do doutorado em Estudos da Tradução. Paralelamente à participação no projeto como revisora, a estagiária docente frequentou duas disciplinas na área da Lexicografia<sup>3</sup> que ajudaram na construção desta disciplina na graduação.

A disciplina teve início com a introdução dos alunos à área da Lexicografia e Metalexigrafia. Segundo Welker (2006, p. 02) a Lexicografia é a “[...] arte de elaborar dicionários [...]” e, baseando-se em teorias clássicas, o autor afirma que a Metalexigrafia “[...] abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários [...] e o estudo tipológico [...]”. Nesta aula, igualmente informada por Welker (2006), foram apresentados alguns dicionários feitos no Brasil e um pouco da história da Metalexigrafia no país. Os alunos foram familiarizados com alguns trabalhos realizados por professores da UFSC, como o Dicionário de aprendizagem português-espanhol<sup>4</sup>, trabalho coordenado por Philippe Humblé e Rafael Camorlinga; e uma página sobre dicionários<sup>5</sup>, com conteúdo desenvolvido pela professora Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão e Claci Schneider, atualmente doutoranda na pós-graduação em Estudos da Tradução. O primeiro é uma ótima ferramenta de pesquisa para aprendizes de língua espanhola por apresentar frases autênticas e o vocabulário dentro de um contexto de uso. O segundo aborda temas da Lexicografia e Metalexigrafia e pode ser usado por futuros professores de línguas, pois debate o uso dos dicionários e sua aplicabilidade em sala de aula. Apesar destes dois trabalhos não serem na língua estrangeira alvo dos alunos da disciplina, o objetivo foi valorizar os trabalhos já

---

<sup>3</sup> As disciplinas foram: (i) “Lexicografia e ensino de línguas estrangeiras” ofertada pela Pós-graduação em Estudos da Tradução e ministrada pelos professores doutores Adja Barbieri Durão e Adilson Toledo (UEL/Pós-Doutorando PGET/REUNI e (ii) “Tópicos especiais em ensino e aprendizagem de língua estrangeira – Lexicografia”, ofertada pela Pós-graduação em Linguística da UFSC e ministrada pelos professores doutores Adja Balbino de A. Durão e Werner Heidemann.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.dicespanhol.ufsc.br/>. Acesso em 24 jul. 2012.

<sup>5</sup> Disponível em <http://wright.hiperlab.egr.ufsc.br/~robson/domQuixote/>. Acesso em 25 jul. 2012.

realizados na Universidade, mostrar a aplicabilidade de ambos, que poderia servir também para a língua alemã, e incentivá-los à pesquisa.

Após esta introdução à área, os alunos conheceram a macro e microestrutura do dicionário com o qual iriam trabalhar durante o semestre. Foram introduzidos alguns termos da área (semasiológico x onomasiológico, verbete<sup>6</sup>, entrada<sup>7</sup>, acepção<sup>8</sup>, definição<sup>9</sup>, exemplo x abonação<sup>10</sup>, etc.) e os símbolos usados (◇ exemplos, ◆ locuções ou expressões, ■ mudanças gramaticais, ≠ antônimos, = sinônimos...). Comentou-se também sobre uma indefinição da terminologia empregada na área, como, por exemplo, “nomenclatura”<sup>11</sup> e “nominata”<sup>12</sup> que se referem ao conjunto de entradas<sup>13</sup> e “entrada”<sup>14</sup> e “lema”<sup>15</sup>, que encabeçam o verbete<sup>16</sup>. Outra questão seria o que envolveria a “macroestrutura” e a “microestrutura”; e se o “verbeta” incluiria a “entrada” ou não<sup>17</sup>.

Foi sinalizado o fato de o dicionário ser semibilíngue, que, de acordo com Duran e Xatara (2006, p. 51), apresentam tanto definições quanto equivalentes. Kernerman (1994, n.p.) afirma que os dicionários semibilíngues surgiram como alternativa entre os dicionários monolíngues (defendidos pelo método direto, pois permitiam a imersão do aprendiz na língua-alvo) e os dicionários bilíngues (que, de acordo com o artigo, eram os mais usados pelos aprendizes). Durante a aula, também foram apontadas as vantagens deste tipo de dicionário:

Nos dicionários para decodificação, (língua estrangeira-língua materna), a definição em língua estrangeira promove, por exemplo:

---

<sup>6</sup> “Unidade básica de organização do dicionário, o verbete compõe-se de uma entrada e um conjunto de informações sobre a própria entrada.” (RANGEL, 2006, p. 155).

<sup>7</sup> “É a palavra ou expressão que encabeça o verbete, sendo o elemento a ser definido ou explicado. De acordo com a tradição lexicográfica, há um padrão de registro das entradas: o verbo no infinitivo, o substantivo e o adjetivo no singular masculino.” (RANGEL, 2006, p. 151).

<sup>8</sup> “É um termo usado para referir cada um dos significados que uma palavra ou expressão pode ter em diferentes contextos.” (RANGEL, 2006, p. 145)

<sup>9</sup> “[também denominada enunciado definitório] É o enunciado que explicita o sentido de uma palavra/expressão.” (RANGEL, 2006, p. 146)

<sup>10</sup> De acordo com Rangel (2006, p. 142), os exemplos são criados pelo dicionarista e abonações extraídas de textos autorais.

<sup>11</sup> Termo usado por Duran e Xatara (2006) e Rey-Debove (1984).

<sup>12</sup> Termo usado por Bugueño (2007), Carvalho (2001 apud BUENO 2007).

<sup>13</sup> De acordo com Rangel (2006, p. 153).

<sup>14</sup> Termo usado por Bugueño (2007) e Rey-Debove (1984).

<sup>15</sup> Termo usado por Bueno (2007).

<sup>16</sup> Rangel (2006) além de “entrada” e “lema” diz que pode ser “cabeça de verbete” e “palavra-entrada”.

<sup>17</sup> Para mais discussões a respeito da indefinição terminológica ver a dissertação de mestrado de Bueno (2007). Rangel (2006), no guia de dicionários do MEC, traz um glossário com termos da área e é possível ver como, às vezes, vários termos são usados para designar um mesmo conceito.

1. o aumento do repertório lexical, familiarizando o aprendiz com o vocabulário de definição e habilitando-o a praticar a metalinguagem em língua estrangeira;
2. a desambiguação de unidades lexicais homônimas ou polissêmicas;
3. o esclarecimento sobre o significado de unidades lexicais que não possuem equivalentes totalmente adequados na língua materna do aprendiz;
4. a explicação do significado de unidades lexicais menos frequentes, cujo sentido nem sempre é de conhecimento prévio do aprendiz em sua língua materna (DURAN, XATARA, 2006, p. 51-52).

Ao final desta aula, pedimos para os alunos analisarem três verbetes dos dicionários bilíngues alemão-português, que eles usavam (Michaelis, Langenscheidt, Pons, etc.), como atividade para o próximo encontro, com o intuito de eles refletirem sobre uma obra com a qual já trabalhavam, mas que, talvez, nunca tinham parado para analisá-la criticamente dentro de parâmetros lexicográficos.

No decorrer do semestre foram propostas atividades de tradução e revisão de verbetes do dicionário previamente traduzidos pelos tradutores do dicionário e revisados pelas revisoras do PB. As discussões se mostraram muito produtivas, devido aos diferentes conhecimentos dos alunos, dado que uma aluna tinha o alemão como língua nativa e outros alunos já haviam morado na Alemanha e com isso dominavam muitos dos contextos de uso idiomático.

Em uma das aulas os alunos puderam conhecer o processo de revisão do português brasileiro<sup>18</sup> e algumas fontes de consulta, como corpora online (Corpus do Português<sup>19</sup> e Corpus Brasileiro<sup>20</sup>) e dicionários de língua - Houaiss (2007), Aurélio (FERREIRA, 2004) e Priberam (online)<sup>21</sup>. Foi explicado aos alunos que o papel das revisoras no projeto se restringiu à verificação do PB, sem uma comparação com o original, ou seja, foi desempenhado o papel de *proofreader*, conforme esclarece Goaudec (2010, p. 25):

No sentido mais estrito, proofreading (revisão de texto) consiste em corrigir quaisquer tipos de erros evidentes (erros de ortografia ou gramática, pedaços

---

<sup>18</sup> “revisão do português” é usado para diferenciar do trabalho de revisão da tradução.

<sup>19</sup> O Corpus do Português foi criado por Mark Davies (professor de Linguística de Corpus na Brigham Young University), e Michael J. Ferreira (professor no Departamento de Espanhol e Português da Georgetown University) e tem 45.000.000 palavras.

<sup>20</sup> O Corpus Brasileiro é um projeto do grupo GELC da PUCSP com o apoio da FAPESP e tem como objetivo disponibilizar 1 bilhão de palavras do português brasileiro contemporâneo. Os professores Tony Berber Sardinha, José Lopes Moreira Filho e Eli Alambert integram o projeto.

<sup>21</sup> Também foram utilizadas outras fontes de consulta durante a revisão como dicionários de regência verbal e nominal (LUFT, 2010) e gramáticas (ALMEIDA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2009), mas que não foram trabalhadas na sala de aula.

faltantes, formatação) e apontar quaisquer erros aparentes, discrepâncias ou erros de tradução, deixando-os para o tradutor ou qualquer outra pessoa autorizada para fazer quaisquer correções que possam realmente ser justificadas a esse respeito.<sup>22</sup>

Os alunos trabalharam uma série de verbetes que na fase de revisão apresentaram um estranhamento às revisoras. A escolha lexical, por exemplo, algumas vezes foi justificada pela frequência, uso ou colocação nas ocorrências do Corpus do Português e/ou no Corpus Brasileiro. A web como corpus, defendida por Xatara (2006) e Kruyt (2011), também foi consultada e sua relevância foi discutida com os alunos. Na exposição aos alunos a um aparato teórico que envolve a tarefa dicionarística, foi chamada a atenção, portanto, para a importância dos corpora na elaboração dos dicionários, esta que é debatida por Atkins e Rundell (2008), conseqüentemente a tradução do corpus do dicionário com o apoio de outros corpora se vê também relevante.

Em sala também foram exemplificadas outras sugestões de alterações que foram feitas durante a etapa de revisão, como, por exemplo, em função de serem regionalismos, apontados após a conferência em obras lexicográficas clássicas na nossa língua como o Aurélio e o Houaiss<sup>23</sup>. Para consulta à nova ortografia foi usado o VOLP (2009) - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras. Outrossim, chamou-se a atenção para a importância de verificar como certos termos são usados em uma determinada área de especialidade<sup>24</sup>.

Após conhecerem as fontes de consulta, os alunos receberam como atividade alguns verbetes que teriam que traduzir e justificar as suas traduções, mostrando os passos que fizeram para chegar às suas soluções e quais fontes usaram. O objetivo era conscientizar os alunos da importância de pesquisa complementar a mera tradução. Os que realizaram a atividade, valendo-se da pesquisa paralela em fontes seguras, puderam argumentar com maior segurança suas escolhas tradutórias.

Em outra aula foi proposto um jogo para os alunos com a finalidade de trabalhar definições, sinônimos e antônimos. O jogo Tabu é um jogo de cartas na qual o jogador pega

---

<sup>22</sup> In the strictest sense, *proof-reading* consists in correcting any kind of *blatant* defects (spelling or grammar mistakes, missing bits, faulty formatting) and pointing out any *apparent* defects, discrepancies or translation errors, leaving it to the translator or any other authorised person to make whatever corrections might actually be justified in that respect. (GOAUDEC, 2010, p. 25, grifos do autor).

<sup>23</sup> Um dos exemplos de regionalismo ocorreu na tradução da entrada “*Federmäppchen*”, que havia sido traduzido por “penal”, um regionalismo dos estados do Paraná e Minas Gerais, segundo o Dicionário Houaiss (2007) e muito utilizado no estado de Santa Catarina. Para contemplar os falantes dos demais estados, foi sugerida a inserção de “estojo escolar”.

<sup>24</sup> Um dos exemplos usados em sala de aula foi o de “*Laib*”, que em português é “peça de queijo”, mas a denominação “peça” para o “queijo inteiro” só foi confirmada após entrar em sites de empresas de laticínios.

uma carta com uma palavra que terá que definir e fazer com que seus companheiros descubram, porém sem usar as cinco outras palavras apontadas na carta. Para esta aula foram criadas cartas com vocábulos que, acreditava-se, pudessem ser de conhecimento dos alunos, alguns por terem sido trabalhados em aula e outros por estarem presentes na cultura deles ou nos *trend topics* da semana. Uma das cartas trazia “Apfelstrudel”. O aluno, que teria o papel de definir a palavra para o grupo não poderia usar “bolo”, “maçã”, “comer”, “doce” e “alemão”, mas poderia usar, por exemplo, “sobremesa típica com fruta”. Atividades lúdicas geralmente são associadas às crianças e adolescentes, mas também adultos podem aproveitar os efeitos positivos. Este jogo incentiva os alunos a buscarem outras palavras e outras definições quando não sabem alguma palavra em língua estrangeira, neste caso marcado pelas palavras proibidas, o que em um diálogo rotineiro poderia se tornar um bloqueio. Este jogo foi aplicado em aula por trabalhar com o léxico e para oferecer um exemplo de atividade que poderá ser trabalhada pelos futuros professores de língua.

Além das fontes de pesquisa, um guia de dicionários do MEC e um guia sobre Lexicografia (ATKINS, RUNDELL, 2008) serviram de referencial teórico. O guia sobre dicionários elaborado pelo MEC<sup>25</sup>, que faz parte do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) Dicionários, foi apresentado aos alunos por trazer os critérios de avaliação de dicionários, considerando quais aspectos deveriam ser analisados para escolher a obra mais apropriada para o uso em sala de aula. Ainda que esse guia debata exclusivamente sobre o dicionário monolíngue, muitos dos aspectos se aplicam também ao dicionário bilíngue. A importância da discussão sobre o uso do dicionário em sala de aula vem sendo discutida há alguns anos. De acordo com Damin e Peruzzo (2006), com a avaliação dos dicionários de português feita desde 2001 pelo MEC, as editoras passaram a se adaptar às exigências, o que, segundo as autoras “[...] vem resultando numa melhora dos dicionários apresentados pelas editoras - pelo menos no que se refere àquilo que o MEC espera de um dicionário.” (DAMIN; PERUZZO, 2006, p. 95). Mas estão os professores de línguas, egressos de cursos de Letras, preparados para trabalhar com esse livro? Gomes (2011, p. 146) comenta que

[...] a despeito de todo potencial de conhecimentos que um dicionário pode oferecer, a subutilização em sala de aula ainda é frequente, uma vez que os próprios

---

<sup>25</sup> Este guia elaborado pelo Mec e é reeditado anualmente. A edição mais recente é de 2012 e está disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16841&Itemid=1131](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16841&Itemid=1131). Acesso em 30 nov 2012.

professores não se sentem seguros para fazer um uso sistemático do dicionário, provavelmente porque nunca foram treinados para tal tarefa.

Damim (2005) e Durão e Bolzan (2011) apontam a falta de disciplinas de Lexicografia e Metalexigrafia na graduação. Damim (2005, n.p.) afirma que

No cenário brasileiro, a Lexicografia – atividade que visa a produção de dicionários – e a Metalexigrafia – teoria que dá sustentação a esse fazer – não são consideradas como disciplinas na maioria dos cursos de graduação. Abordar a Lexicografia e a Metalexigrafia, em nível de graduação, é uma tarefa que ainda precisa ser desenvolvida, especialmente para que os professores possam realizar suas atividades didáticas mais bem capacitados a utilizar dicionários em sala de aula.

Já Durão e Bolzan (2001, p. 343) argumentam que

É necessário, portanto, que, ao lado da distribuição de dicionários se efetivem cursos de formação e oficinas para os professores na área da Lexicografia para que técnicas de leitura e uso de dicionários sejam otimizados nas redes de ensino do país.

Concluimos que essas discussões cabem perfeitamente numa disciplina como essa, que apesar de ser optativa, foi, talvez, a única oportunidade que muitos dos alunos tiveram (e terão) para refletir sobre a relevância disso.

Após apresentar o guia do MEC, pareceu viável a possibilidade de fazer um trabalho de conclusão de graduação (TCC) ou mesmo de pós-graduação nessa direção. Nesta discussão alguns alunos que estavam realizando seu estágio docência no ensino básico comentaram a aplicação de atividades em sala de aula que exploravam o léxico, as definições e o próprio uso do dicionário, o que foi um ponto positivo, por mostrar que o assunto debatido em aula serviu para eles aplicarem enquanto professores em formação.

Foi apresentado também o *The Oxford Guide to Practical Lexicography* de Atkins e Rundell (2008) para comentar todos os processos envolvidos na elaboração de um dicionário. Os autores, nas 540 páginas da obra, explicam detalhadamente todas as etapas do trabalho lexicográfico. E, através disso, foi possível convencer os alunos da importância sobre aquilo que estavam exercitando na prática, bem como de despertar a consciência para o grau de complexidade que subjaz à atividade lexicográfica.

A avaliação da disciplina aconteceu no decorrer do semestre e, no último dia de aula, foi aplicada uma avaliação da disciplina para verificar se os alunos haviam realmente aprendido



alguns conceitos que haviam sido trabalhados e também para ter a avaliação deles em relação à estagiária docente e à disciplina (pontos positivos e negativos). Abaixo alguns comentários sobre a disciplina:

Aprendi bastante! Tanto no português, quanto no alemão. Conheci muitas palavras novas. Refleti sobre esse processo de tradução. Descobri que o dicionário possui muito mais coisas do eu imaginava. Essa foi uma experiência única de que talvez não tenha outra vez a oportunidade de fazer. Gostei das dicas/técnicas para avaliar se a tradução de tal palavra é boa ou não.

Ao fazer parte da revisão do dicionário, mesmo que tão brevemente, já percebi a complexidade que tal atividade apresenta. Passei a entender essa dificuldade que é fazer/traduzir um dicionário e a ser mais tolerante com eles.

Gostei de ter aprendido mais técnicas e dicas para a pesquisa de equivalentes na atividade tradutória.

Senti a importância de trabalho em equipe na tradução e o auxílio que pode ser em momentos de dificuldades. Gostei também da motivação dos alunos a apresentarem seus resultados de tarefas e as discussões em grande grupo. A aula não foi passiva e sim ativa e dinâmica.

[...] Poderiam ter sido trazidos exemplos com os quais a solução encontrada foi muito boa e criativa, não apenas problemáticas.

Antes eu apenas usava (o dicionário) para simples consultas de tradução de uma palavra, hoje já me sinto mais capaz de ver melhor como um todo. Li toda introdução do *Langenscheidt* e hoje aproveito melhor tudo que ele oferece.

Os pontos positivos foram o próprio uso correto do dicionário, o melhor uso, saber aproveitar e tirar tudo dessa ferramenta. Eu gostei bastante dos exercícios realizados que foi a tradução dos verbetes e dos exemplos.

Esta avaliação foi importante para refletir a prática docente. Os pontos positivos servem sempre como incentivo para seguir o trabalho e os pontos negativos serviram para repensar algumas atividades e posturas pedagógicas, tanto da estagiária como da ministrante da disciplina. Pôde-se observar pela avaliação que alguns dos termos empregados na área da Lexicografia não ficaram tão claros para os alunos e deveriam ter sido mais trabalhados.

### Considerações finais

O estágio docência foi importante por oferecer a oportunidade de atuação e avaliação do que acontece na sala de aula nas três instâncias discursivas: na atuação da estagiária docente, na reavaliação pedagógica do professor orientador e na contrapartida apresentada pelos alunos diante de um contexto novo e desafiador.

Ao participar em um projeto de tradução concreto, os alunos puderam pôr em prática seus conhecimentos linguísticos, bem como adquirir novas posturas diante do trabalho com vocabulário. Puderam também observar os percalços dos profissionais da área, assim como verificar as fontes de pesquisa utilizadas.

Através dos comentários na avaliação final percebeu-se que a introdução, ainda que de forma breve, ao campo da Lexicografia e Metalexicografia foi significativa para os estudantes ao abrir o leque de opções de um dicionário de língua, muitas vezes desconhecido pelos mesmos.

Ressalta-se a necessidade de discutir o uso do dicionário com alunos da graduação para que eles possam disfrutar, na totalidade, dos recursos oferecidos por essa ferramenta que tem papel determinante na formação de um futuro profissional da linguagem, seja na área de ensino, de pesquisa ou tradução.

### Referências

ALMEIDA, Nilson Teixeira de. *Gramática completa para concursos e vestibulares*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ATKINS, B. T.; RUNDELL, Michael. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. New York: Oxford, 2008.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Dicionário Aulete*. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/index.php>.

BUENO, Rejane Escoto. *Desenho da microestrutura de um dicionário monolíngue de espanhol para estudantes brasileiros: o tratamento da valência verbal*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. 221p. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11397/000611201.pdf?sequence=1>>.

Acesso em 10 ago 2012.

BUGUEÑO, Félix Miranda. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org). *As ciências do léxico*. Lexicologia. Lexicografia. Terminologia. Vol. III. Campo Grande: UFMS, 2007.

CUNHA, C.; L. CINTRA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2009.

CORPUS BRASILEIRO. 1 bilhão de palavras do português brasileiro contemporâneo. PUCSP-FAPESP (2006-2008). Disponível em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br>>.

DAMIM, Cristina Pimentel. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Não paginado. 2005. 233 p. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5320/000468591.pdf?sequence=1>>. Acesso em 14 dez 2012.

DAMIM, Cristina; PERUZZO, Marinella Stefani. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. *Cadernos de tradução*. Tradução e lexicografia pedagógica. Florianópolis, v. 18, p. 93-113, 2006.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. (2006-). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. A metalexigrafia pedagógica. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 18, p. 41-66, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6870/6448> . Acesso em 18 jul 2012.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; BOLZAN, Rosane Maria. A formação docente em Lexicografia e a Realidade sobre o trabalho com dicionários em sala de aula. *Eutomia*, ed.08, ano iv, dez 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 7a. edição. Edição eletrônica Positivo Informática LTDA, 2004.

FLORES, Valdir do nascimento. Macroestrutura e microestrutura do Dicionário de Linguística da Enunciação e as balizagens epistemológicas de um campo: a teoria de Émile Benveniste em exame. In: PERNA, Cristina Lopes; DELGADO, Heloísa Koch; FINATTO, Maria José. *Linguagens Especializadas em Corpora*. Modos de dizer e interfaces de pesquisa. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. Disponível em:

<http://www.pucrs.br/edipucrs/linguagensespecializadasemcorpora.pdf>. Acesso em 28 jul 2012.

GOMES, Patricia Vieira Nunes. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In. CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs). *Dicionários Escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 141-154.

GOUADEC, D. *Translation as a profession*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. 409 p.

HOUAISS, Antonio (Ed.) *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0a. Objetiva, 2007. CD-ROM.

KERNERMAN, Lionel. The Advent of the Semi-Bilingual Dictionary. *Kernerman Dictionary News*, n. 1, July 1994. Disponível em: <http://www.kdictionaries.com/>. Acesso em 15 nov 2012.

KRUYT, Truus. Kernerman Dutch Dictionary. *Kernerman Dictionary News*, July 2011.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2010. 544 \_\_\_\_\_. *Dicionário prático de regência nominal*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2010. 550 p.

MEC. Dicionários. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/guia4.pdf>>. Acesso em 03 ago 2012.

PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>.

VOLP. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. 5ª ed. 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>>.

RANGEL, Egon de Oliveira. *Dicionários em sala de aula*. Elaboração Egon de Oliveira Rangel, Marcos Bagno. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 155 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleidicio.pdf>>. Acesso em 30 set 2012.

REY-DEBOVE. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa*: São Paulo, p. 45-69, 1984.

WELKER, Herbert Andreas. Sobre Lexicografia e tradução. *Horizontes de Linguística Aplicada* 6(1): 132-148, 2007.

\_\_\_\_\_. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga* 19: 69-84, 2006. Disponível em: [http://www.pgla.unb.br/hawelker/images/stories/professores/documentos/metalex\\_Matraga.pdf](http://www.pgla.unb.br/hawelker/images/stories/professores/documentos/metalex_Matraga.pdf)>. Acesso em 30 mai 2012.

XATARA, Claudia. A web para um levantamento de frequência. Múltiplas perspectivas em Linguística. *XI SILEL* Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 770-777. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_398.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_398.pdf)>. Acesso em 06 ago 2012.

Artigo recebido em abril de 2013.

Aceito em julho de 2013.